

A cidade de Santa Cruz do Capibaribe e seu dinâmico desenvolvimento local: em foco as mudanças.

Maria Gilca Pinto Xavier – UFRPE

Luis De La Mora – UFPE

Mônica Luize Sarabia – UFRPE

Résumé :

Le présent article aborde la question de la formation du paysage urbain de l'agglomération productive de Santa Cruz Do Capibaribe, ville localisée dans la région agraire de Pernambuco (Brésil), notamment la modification de son locus productif et à partir de l'annulation de la foire de la "sulanca" (marché de vêtements), qui avant avait lieu dans 28 rues du centre de la ville jusqu'à son aménagement dans de nouveaux locaux commerciaux "SANTA CRUZ MODA CENTER" à la périphérie de la ville. L'approche est qualitative et utilise une méthode d'analyse interprétative d'images photographiques et de récits verbaux, en mettant en valeur les moments historiques des années 1980/1999 et la réalité actuelle, et en récupérant les divers moments historiques de l'économie de la ville et de l'utilisation de l'espace de la période étudiée, mettant en relief les aspects et les concepts relatifs à la réalité physique, morphologique, économique, sociale, à la compréhension du cluster et à la requalification de l'espace des rues du centre de la ville, passant auprès de l'interprétation des conflits et des consensus originaires de ces modifications, détectant les besoins de requalification de l'espace de la ville dans des perspectives physiques, économiques et sociales.

Mots clé : Agglomération productive, APL, Ville, Photographie, Requalification de l'espace.

Abstract:

The present work approaches questions concerning the transformation of the urban landscape of the productive agglomeration of Santa Cruz of the Capibaribe, city located in the pernambucano wasteland, focusing in the modification of the productive activity place, from the withdrawal of the fair of the Sulanca that before occurred in 28 streets downtown and until its change for the new commercial enterprise the "Santa Cruz Moda Center" in 2006. The boarding is qualitative and uses the method of the analysis of photographic images and verbal stories, privileging the historical moments of the decades of 1980, 1990 and the current reality, making one it has rescued description of the diverse moments of the economy of the city and the use of the space in the studied period, standing out aspects and concepts concerning physical reality, morphologic, economic, social, the understanding of cluster and the requalification of the space on downtown streets, passing for the interpretation of the conflicts and consensuses originated this modification, detecting the necessities of requalification of the space of the city inside of physics, economics and social perspectives.

Keywords: Productive Agglomeration. City. Photograph. Requalification of the space.

Resumo:

O presente artigo aborda questões acerca da transformação da paisagem urbana da aglomeração produtiva de Santa Cruz do Capibaribe, cidade localizada no Agreste pernambucano, com foco na modificação do seu locus produtivo e a partir da retirada da feira da Sulanca, que antes ocorria em 28 ruas do centro da cidade, até a sua mudança para o novo empreendimento comercial "Santa Cruz Moda Center". A abordagem é qualitativa e utiliza o método de análise interpretativa de imagens fotográficas e relatos orais, privilegiando os momentos históricos das décadas de 1980, 1990 e a realidade atual, fazendo um resgate histórico dos diversos momentos da economia da cidade e da utilização do espaço no período estudado, ressaltando aspectos e conceitos relativos a realidade física, morfológica, econômica, social, a compreensão do *cluster* e a requalificação do espaço das ruas do centro

da cidade, perpassando pela interpretação dos conflitos e consensos originados destas modificações, detectando as necessidades de requalificação do espaço da cidade dentro de perspectivas físicas, econômicas e sociais.

Palavras-Chave: aglomeração produtiva. APL. Cidade. Fotografia. Requalificação do espaço.

1. Introdução

O objetivo do artigo é mostrar, através da análise interpretativa de imagens fotográficas, as transformações ocorridas na realidade da cidade, a partir da mudança do seu *locus* de atividade comercial, revelando os conflitos e consensos decorrentes desta modificação. Neste contexto, absorveu-se a técnica de pesquisa baseada na história oral, aqui justificada pela reduzida produção de documentos escritos acerca da história da cidade, e usando como suporte as imagens fotográficas.

Parte-se da compreensão da paisagem urbana como o espaço onde se processam as relações dos homens e do meio ambiente, para investigar aspectos da transformação urbana. Neste trabalho, analisa-se uma região caracterizada pelo capitalismo tardio em sua transformação urbana e na mudança da atividade de produção, que são os pressupostos do objeto de estudo.

O objeto de estudo é o espaço central da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, localizada no Agreste setentrional do Estado de Pernambuco, a 192km da cidade do Recife, e mais especificamente, as ruas do centro da cidade, das quais foram retiradas a feira da Sulanca que funcionou durante várias décadas naqueles espaços e que nos últimos anos ocupava 28 ruas. Este trabalho empreende uma discussão sobre a eficácia de uma mudança do local da atividade comercial pelo planejamento urbano, frente às necessidades da sociedade e do capital. Significa perguntar como: a infraestrutura econômica está sendo requalificada para o desenvolvimento local?

O método utilizado na pesquisa é elaborado de forma construtivista e dialética, em abordagem quantitativa e qualitativa. O registro sistemático das atividades desenvolvidas foi efetuado por máquina fotográfica digital e gravador de voz e anotações dos relatos orais dos entrevistados, valorizando o conceito de história oral no sentido proposto por Nogueira (1952). Na interpretação das fotografias emprega-se o método proposto por Sinson (1996), que visa à escolha de imagens significativas para fazer um fichamento individual, no intuito de observar o maior número de caracteres que possam denotar modificações nas comparações destes objetos espaços-temporais.

A partir do século XIX, praticamente após o invento da fotografia, essa nova técnica que fixava a imagem sobre o papel passou a ser usada por pesquisadores das diversas ciências, seja como objeto de estudo ou de análise, seja como mera ilustração ou como prova de procedimentos e resultados obtidos em pesquisas.

De 1915 até o final da década de 1970, as pesquisas deram ênfase ao uso de dados quantitativos, baseados no uso de quadros, tabelas e gráficos como ilustração, deixando a fotografia sem a sua devida relevância. Desde a década de 1980 até os dias atuais, entretanto, observa-se o retorno dos métodos qualitativos de investigação social, havendo assim uma valorização da fotografia para as ciências sociais de uma maneira geral, como método utilizado em diversas fases de pesquisa (SINSON, 1996).

Não houve, contudo, um esforço de sistematização dessas idéias e, sobretudo, um debate propriamente metodológico sobre as questões que envolvem a relação entre fotografia e história. Em resumo, neste trabalho busca-se destacar o reconhecimento do valor documental das imagens fotográficas como a verdade obtida pelo registro da câmera, num determinado recorte espaço-temporal.

É importante ressaltar que hoje se admite que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade: ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico, como dito por Ferro (1988). O que significa dizer que a utilização da imagem pelo pesquisador pressupõe uma série de indagações que vão muito além do reconhecimento do glamour dos documentos visuais. Desse modo, o pesquisador passa por um processo de educação do olhar que lhe possibilita "ler" as imagens.

A partir da análise da fotografia que se segue (Figura 2), feita através do método proposto por Sinson (1996), pode-se compreender que a leitura da realidade dos espaços da cidade a partir das imagens coletadas e arquivadas são relevantes para a contextualização dessa pesquisa.

Do ponto de vista do espaço econômico, os conceitos abordados são os de aglomeração produtivas, baseados na reflexão sobre distritos industriais de Becattini (1994), Bagnasco (1977) e Garofoli (1986), a partir dos ensinamentos de Marshall (1982). Nesta leitura, houve a compreensão do *cluster* não apenas em suas características econômicas e geográficas, mas, na compreensão do fenômeno atual, quando se frisa a importância de outras condições estabelecidas para o surgimento destes espaços produtivos, que sejam circunstâncias sócio-culturais, históricas e naturais particulares de uma zona geográfica, ou a ocorrência da interação dinâmica (círculo vicioso) entre a divisão e a integração do trabalho e dos espaços.

Ao abordar a questão de Aglomeração Produtiva no Estado de Pernambuco, está se falando também em territorialidade e desenvolvimento. A atividade econômica localizada em determinado espaço que usufrui de externalidades é a base sólida para o desenvolvimento local. A partir dos ensinamentos de Becattini (1994), baseado em Marshall (1982), têm sido valorizadas as questões territoriais e econômicas nos estudos de desenvolvimento.

Entende-se o desenvolvimento local como aquele que abarca várias instâncias de poder, vários atores sociais, numa interação para agregação de valor promovendo o crescimento econômico e social. Refere-se a um conjunto de ações (social, ambiental, econômica, cultural e política), que numa ordem dialética de compreensão podem promover favorecer e/ou prejudicar alguns, em dado momento e em outros não, mas que leva a se obter ganhos de crescimento da sociedade, como o caso observado na produção através de pequenos empresários na cidade de Santa Cruz do Capibaribe.

O artigo introduz a dúvida sobre a necessidade de ampliação do espaço para locais distantes ou modificação do espaço do entorno do mercado da cidade, ou seja, o incentivo ao uso do espaço antigo readaptado. Debateu-se o processo de "requalificação" a partir do ponto de vista do desenvolvimento econômico, urbano e do poder público, partindo-se de uma discussão de forma multidisciplinar sobre as exigências do processo de crescimento da cidade, com base no trabalho de Jacobs (2003).

Por sua vez, a imagem fotográfica, por ser o recorte de uma realidade delimitada em um espaço/tempo, é capaz de demonstrar as transformações da paisagem urbana na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, em várias épocas históricas. Para apresentação deste trabalho, nos restringimos ao período entre 1980 até a época atual (2008), quando se observou a expansão da atividade econômica e urbana na localidade, através de arquivo de imagens e de documentos escritos e falados capazes de demonstrarem o crescimento urbano e a sua relação intrínseca com o desenvolvimento da atividade econômica da confecção na cidade.

A expansão da atividade econômica e urbana em Santa Cruz do Capibaribes ocorreu nas décadas de 1980 e 1990, devido à reestruturação no processo de desenvolvimento do país, a diminuição do parque industrial no centro-sul, a redução de oferta de emprego formal e o declínio das migrações internas (XAVIER, 2006). Em consequência, observou-se a expansão dos números de bancas na feira o que denota o crescimento do comércio, conforme pode ser visto no próprio arquivo de imagem e nos relatos orais da história da cidade.

No início dos anos 2000, a expansão foi o resultado de uma intervenção urbana com a instalação do “Santa Cruz Moda Center”, visando a realocação do espaço da feira de confecção das diversas ruas da cidade. Desta maneira, questiona-se: qual a situação dos comerciantes que permaneceram estabelecidos nas ruas do centro? E se esse processo de requalificação contempla políticas de modificação do uso do espaço do centro da cidade? Haja vista que a retirada da feira das ruas provocou a diminuição da circulação de transeuntes no centro da cidade.

A análise desta transformação, embora ainda seja de considerações parciais da pesquisa acerca do método de investigação, nos permite a observação sistemática das imagens com o registro da presença humana na reconstituição do processo de urbanização, associado às práticas econômicas. A partir das fotografias e suas múltiplas interpretações chega-se a exposição da matéria necessária para atingir a essência do objeto estudado. O método de captar a realidade empírica no registro de imagens fornece a estas imagens a sua importância maior, pois elas serão as “contadoras de história” e esta história é mutante.

2. A economia urbana, planejamento da cidade *versus* desenvolvimento

O trabalho ora apresentado diz respeito também ao método de analisar as modificações no espaço através da história oral e da fotografia. Para as reflexões acerca da transformação do espaço, tomou-se como referência uma cidade considerada de médio porte, com 74.000 habitantes, no interior do Nordeste (IBGE, 2006).

A característica maior da cidade é a intensa produção e circulação de mercadorias na zona do Agreste pernambucano, embora se situe no contexto das condições de precariedades de lugares de capitalismo tardio. Por sua vez, a perspectiva da observação do objeto de estudo não se desvincula da imagem da dinâmica que a própria cidade produz.

Santa Cruz do Capibaribe, cidade localizada no agreste setentrional pernambucano, mais precisamente na microrregião do Alto Capibaribe, está circundada por grandes cidades que formam a APL – Aglomeração Produtiva Local (Mapa 1), de relevada importância para a economia do Estado de Pernambuco, composta pelas cidades de Caruaru, Toritama, Taquaritinga do Norte, Vertentes, Brejo da Madre de Deus, Frei Miguelino, entre outras (XAVIER, 2006). A questão territorial e de desenvolvimento é uma característica peculiar da localidade e a integração entre os municípios é uma decorrência das propriedades específicas da Aglomeração Produtiva. Neste sentido, observa-se uma interação política, econômica e social nos treze municípios produtores de confecção do agreste (ibidem; GOROFOLI, 1986; BECATTINI, 1984).

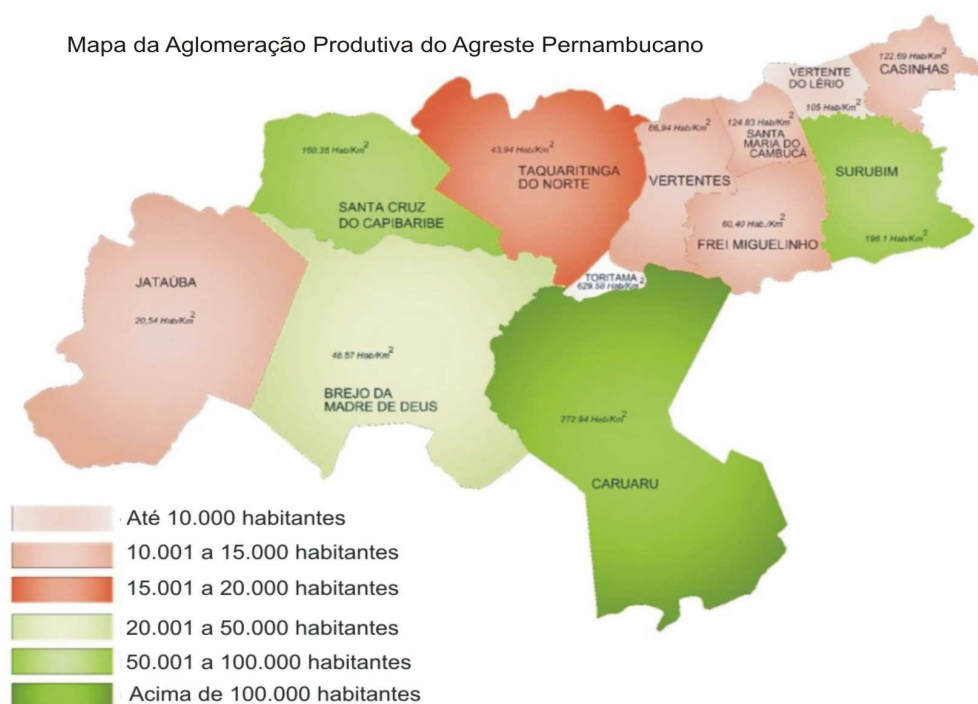
Durante muito tempo a importância dada à concentração espacial de atividades produtivas, à localização das empresas, à idéia de território e espaço físico foi deixada à margem em diversas linhas de investigações econômica, particularmente no *mainstream* da ciência econômica. Importância esta resgatada quando da “procura de uma melhor compreensão sobre os fatores subjacentes ao melhor desempenho competitivo das unidades produtivas” (CASSIOLATO; LASTRES, 2003, p. 23). Desempenho característico da cidade ora analisada.

No que diz respeito à economia, existe um intenso processo de divisão de trabalho entre os vários municípios que produzem confecção, a partir da distribuição da matéria prima em Santa Cruz do Capibaribe. No aspecto financeiro, Caruaru é a “cidade-pólo” da Região do Agreste e absorve a função de agregar o capital financeiro da região da Aglomeração Produtiva. Do ponto de vista político, existem ações em favor do desenvolvimento, como a infra-estrutura voltada ao escoamento da produção (pavimentação de estradas, transportes), por exemplo. E, no contexto social, existe uma intensa integração entre os atores econômico-

sociais no processo de trabalho e no uso dos espaços urbanos para a comercialização em feiras, escolas, igrejas e festividades, como demonstrado no trabalho de Xavier (2006).

O município de Santa Cruz do Capibaribe foi criado ainda no século XIX e emancipada politicamente em 29 de dezembro de 1953, sendo antes distrito da cidade de Taquaritinga do Norte. Apesar de ser um município do interior e de possuir uma população numerosa, há predominância da população urbana (95%) sobre a população rural (5%). Isto comprova o caráter urbano do município caracterizado exclusivamente pela prática da atividade de confecção, que ultrapassa os limites da urbe, sendo também praticada na sua zona rural.

A APL da qual a cidade de Santa Cruz do Capibaribe faz parte, conforme definição de Xavier (2006), não se distancia do conceito postulado por Marshall (1982), quando percebe os distritos industriais como o lugar capaz de realizar uma produção em determinado espaço geográfico, com os benefícios das vantagens competitivas através de externalidades, em que as relações comerciais e de produção se processam. Neste sentido, a cidade mantém perfeita integração com os municípios vizinhos ao promover a produção por divisão de trabalho, usufruindo das externalidades marshallianas (XAVIER, 2006). O mapa do *cluster* de Santa Cruz do Capibaribe pode ser visualizado abaixo:



Mapa 1 – A Aglomeração Produtiva do Agreste Pernambucano. Fonte: Xavier (2006).

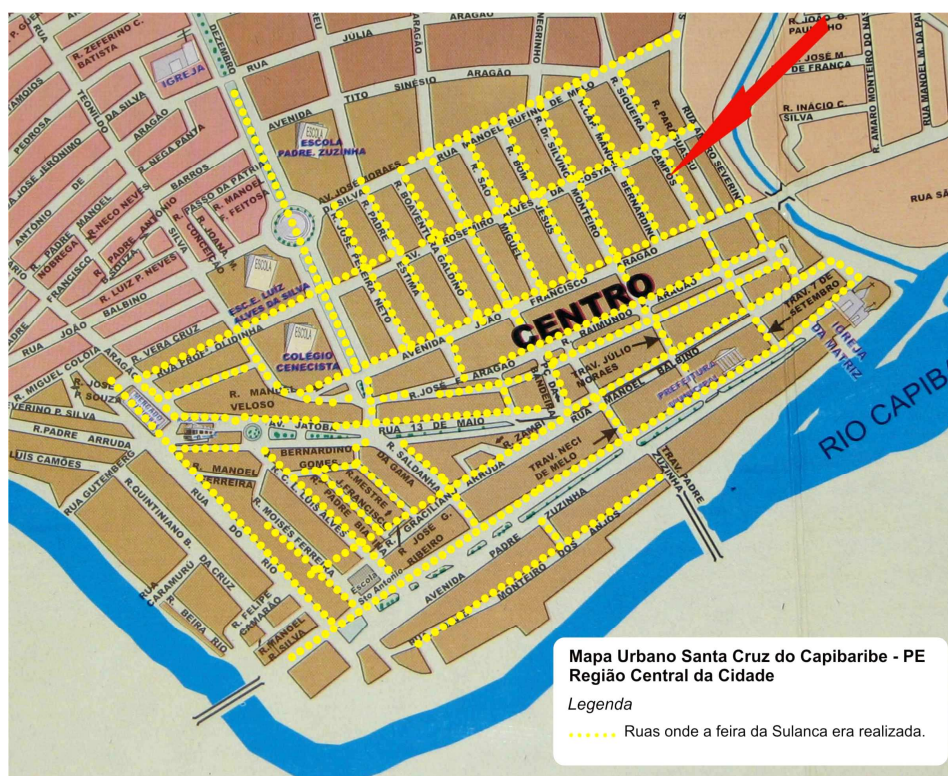
A indústria e o comércio de confecções de diversos tipos são a base da economia da cidade, além da comercialização de tecidos, retalhos e aviamentos. A economia da cidade cresceu no último ano mais de 40%, embora a participação da economia da cidade no PIB do Estado represente apenas 0,45%. É significativo lembrar que se trata de uma economia localizada no setor informal, onde os registros de produção não são amplamente expressos nos dados oficiais (CONDEPE/FIDEM, 2004).

A *Sulanca* pode ser definida como uma feira de rua cuja base comercial é de confecções de todos os tipos, feita nas ruas da cidade, e teve o seu início na década de 1940 em apenas uma rua do centro, a Rua Siqueira Campos. Com o passar do tempo foi se ramificando, chegando a ocupar, no ano de 2006, o espaço de 28 ruas, tomando conta assim de toda a região central da cidade (História Oral da cidade, entrevista em 2007).

Estudos de morfologia urbana têm representado satisfatoriamente a cidade pelo espaço construído, através de métodos de diferenciação capazes de descrever e de medir o desempenho de um determinado estado da cidade num determinado tempo, considerando as formas construídas e suas conexões através dos espaços abertos ou públicos, como vêm sendo comprovado por Krafta (1994). Nessa direção, a estrutura urbana pode ser representada por diferentes graus de centralidade, cujos valores estão correlacionados com vários indicadores de atividade do sistema urbano. Então, o que acontece em Santa Cruz do Capibaribe?

Embora a cidade seja reconhecida como um fenômeno dinâmico, com transformações permanentes e com resultados instáveis, há efetiva dificuldade em aproximar teorias e práticas dessa dimensão. Estes aspectos de desenvolvimento urbano dizem respeito ao dinamismo inerente à própria economia de comércio de rua da cidade e da necessidade de mudança para uma adequação do uso dos espaços físicos, em detrimento do comércio.

Desta forma, dentro de uma perspectiva morfológica, a formação da cidade se deu a partir do centro e o seu crescimento urbano, de forma circular, como pode ser visualizado no Mapa 2, onde também estão demarcadas as 28 ruas que compunham a feira no centro da cidade. Morfologicamente, a cidade se formou fisicamente sem uma perspectiva de planejamento em seus espaços. As ruas foram utilizadas da maneira que a atividade econômica exigia, levando a expansão da feira na cidade. O crescimento, portanto, acontecia durante todo o processo como conseqüência da atividade econômica através da agregação dos espaços rurais ao urbano (XAVIER, 2006).



Mapa 2 – Ruas do centro da cidade de Santa Cruz do Capibaribe. As ruas destacadas em amarelo indicam a ocupação espacial da Feira da Sulanca (28 ruas) e a seta vermelha indica a Rua Siqueira Campos, onde a feira se iniciou na década de 1940. - Ano 2006 – Elaborado pela autora a partir de mapa urbano comercializado em papelarias.

Santa Cruz do Capibaribe absorveu essa expansão até o seu limite físico, haja vista que o contínuo crescimento da feira de confecções nas ruas, já ocasionava transtornos intensos no espaço urbano. No sentido de hábito cultural, a “rua” não era meramente o espaço

urbano em si, mas o espaço social da rua, com significados construídos por ações cotidianas que o diferenciam e o tornam uma categoria sociológica inteligível (MAGNANI, 1993).

Em busca de uma saída para essa problemática, surgiu a necessidade de requalificação dos espaços centrais da cidade. Sabe-se que para trabalhar com a mudança é preciso apreender os processos que a provocam e capturar os fatores que a condicionam ou a determinam, produzindo conhecimentos sobre os modos como a cidade muda, as regras subjacentes às mudanças e os padrões que emergem de cada situação (PORTUGALI, 2000).

As cidades do interior do país não estavam regidas por planos diretores, e somente a partir da Constituição de 1988, com a descentralização do poder, é que o planejamento urbano passou pouco a pouco a ser exigido nos municípios (MELO, 1996). No caso de Santa Cruz do Capibaribe, foi a exigência e determinação do Estatuto das Cidades que possibilitou a normatização do Plano Diretor, elaborado com a intervenção externa de técnicos da agência de planejamento do Estado. Houve pouca intervenção da equipe do planejamento municipal e nenhuma participação popular. Em relação ao planejamento do espaço da cidade, houve uma preocupação muito maior com a comercialização da mercadoria. E é esse processo de reorganização do espaço, após a retirada da feira do centro da cidade, o foco desta discussão.

3. A história do desenvolvimento da cidade: Santa Cruz do Capibaribe nos anos 1980 e 1990

O fenômeno de expansão da atividade urbana de confecção na cidade de Santa Cruz do Capibaribe ocorreu em decorrência da necessidade de geração de emprego e renda para a população da cidade após a queda da lavoura do algodão na região, como visto em Xavier (2006), demonstrando uma relação importante entre economia e cultura na cidade analisada.

A cidade de uma região deprimida, portanto, vivia a cultura da feira que direcionava todo o espaço urbano, envolvendo pelo menos 80% de sua população durante todos os dias da semana nas atividades de confecção, divididas entre a compra de matéria prima e aviamentos trazidos em caminhões estacionados no grande pátio formado pelas ruas centrais da cidade, na produção de roupas em 90% das casas, na organização da feira e na venda das mercadorias.

A forma de reorganização do espaço foi estudada a partir do método de análise das fotografias e história da cidade.

Neste primeiro momento, foi utilizada a imagem da Feira da Sulanca nas ruas da cidade no ano de 1981. Nesse período, a feira iniciava um salto evolutivo em termos de crescimento econômico, tornando-se um fator de crescimento urbano característico da cidade, conforme pôde ser observada na análise dos detalhes da imagem, segundo relatos orais do autor da fotografia. Este tipo de comércio se tornou o grande motor econômico de Santa Cruz do Capibaribe, formatando uma cultura econômica e urbana peculiar que se proliferava rapidamente e, em pouco tempo, tomando conta de quase todas as ruas centrais da urbe.



Figura 2 – Vista superior da Feira da Sulanca na Rua Siqueira Campos no ano de 1981.
Fonte: José Romildo Bezerra

Ficha técnica da imagem:

- Descrição da cena: Trata-se de uma feira de rua disposta de maneira a ocupar todos os espaços físicos e de circulação. A distribuição das "bancas" e/ou barracas se dá de maneira aleatória e sem nenhum tipo de demarcação. A predominância dos imóveis presentes na rua, visualmente é residencial com apenas alguns utilizados como estabelecimentos comerciais. Vê-se também a predominância do comércio de confecções. Há uma grande circulação de pessoas, comerciantes e compradores. Observam-se a dificuldade de circulação dessas pessoas e a ausência de veículos de transportes motorizados, restrito a bicicletas e carros de mão;
- Data ou período: Foto obtida no ano de 1981, época de proliferação e crescimento da feira na cidade;
- Legenda: *Vista superior da Feira da Sulanca na Rua Siqueira Campos no ano de 1981*, foi obtida do autor da imagem o Sr. José Romildo Bezerra, responsável pelo relato da História Oral, das fotografias e das informações históricas obtidos neste trabalho;
- Sublinhou-se a visualização do espaço da feira da Sulanca a partir desta rua, pois, como pode ser visto no Mapa 2, acima, foi nesta rua que o comércio da feira teve início e a história da urbanização mostra que a Rua Siqueira Campos é uma das primeiras que formaram o centro da cidade.

No final dos anos 1990, a Feira da Sulanca já extrapolava toda a capacidade morfológica da cidade (Figura 3), o que demonstrava a necessidade de reorganização do espaço físico e justificava a realocação da feira para um local mais adequado do ponto de vista da lógica do planejamento urbano. Um espaço onde a infra-estrutura do comércio de varejo e de grosso e os serviços para escoamento da produção se concentrassem e viessem a possibilitar maior racionalidade dos custos.

Segundo levantamentos preliminares, pôde-se observar um aumento do custo/benefício para os comerciantes a partir da mudança para o novo espaço. Nestes termos, passou-se a utilizar a infra-estrutura coletiva para o comércio da confecção do *cluster* e melhorando as condições de competitividade e expansão da economia da confecção, através

da instalação do centro comercial “Santa Cruz Moda Center”.



Figura 3 – Vista superior da Feira da Sulanca nas ruas do centro da cidade no final dos anos 1990. Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Capibaribe

Ficha técnica da imagem

- Descrição da cena: Neste momento a feira de rua está disposta de forma a ocupar todos os espaços físicos e de circulação. Pode-se observar que ocorre uma intensa disputa pelos espaços físicos das ruas da cidade, não havendo nem circulação pelas calçadas da cidade. Os imóveis se caracterizam como comerciais, de moradias e os de ocupação mista que abrigam, em geral, a produção de confecção (Xavier, 2006). Observam-se ainda a dificuldade de circulação das pessoas e a ausência de veículos de transportes motorizados, pela impossibilidade de acesso às ruas da cidade.

- Data ou período: Foto obtida no final do ano 1990, início de 2000, neste período a feira já ocupava 24 ruas da cidade;

- Legenda: *Vista superior da Feira da Sulanca nas ruas do centro da cidade no final dos anos 1990.* (imagem obtida da Prefeitura da cidade e não foi precisado nem o autor e nem a data)

- Observações dos pesquisadores: Neste momento, poucos são os aspectos visuais tangíveis desta imagem, mas diversos podem ser enumerados como intangíveis, aqueles que podemos perceber como a dificuldade de circulação, o calor excessivo sob o teto das barracas, o transtorno dos lojistas e moradores da cidade nos dias de feira, o lixo e a falta de condições sanitárias como banheiros, entre diversos outros aspectos.

3.1 A nova centralidade: o Santa Cruz Moda Center.

No ano de 2006, na véspera da mudança para o novo espaço “Santa Cruz Moda Center”, a feira disputava o espaço físico com as lojas instaladas nos prédios que serviam de pontos comerciais para serviços diversos, bancos e outras instituições nas ruas do centro. Tratava-se de uma forma de comercialização instalada no espaço físico da cidade com precárias condições de infra-estrutura econômica e social.

A estrutura física, deste local de produção, habitação e comercialização em feiras, não comportava mais a quantidade crescente de transeuntes que circulavam para a comercialização dos produtos, para a alocação de serviços ou das instituições financeiras, haja vista que o acréscimo populacional advindo com o público flutuante representava em média 12.000 pessoas circulando nos três dias da feira, semanalmente.

Segundo os relatos, o crescimento da atividade comercial foi tão incontrolável, que questões estruturais como estacionamento para o acesso a feira e escoamento das mercadorias dificultava a circulação das pessoas durante a prática comercial. Sem contar que as condições sanitárias eram bastante precárias, pois a difícil circulação e o próprio comércio na rua não contemplavam o uso de banheiros e outros programas de limpeza urbana.

Com o passar do tempo, estas circunstâncias foram se agravando e prejudicando o próprio comércio que, gradativamente, foi enfraquecendo, levando os comerciantes e compradores a procurar novas praças para a alocação de suas demandas. Este foi o motivo da implantação do comércio de rua na cidade vizinha e com vocação para a produção e comercialização de roupas de jeans, Toritama, incluída no conjunto de municípios da aglomeração produtiva (Mapa 1).

Diante desta problemática, que perpassava o caráter morfológico espacial e o econômico, o poder público buscou uma saída para a requalificação do espaço citadino, ocasião em que foi pensado e instalado o Centro Comercial "Santa Cruz Moda Center", que mesmo possuindo esse nome "*Center*", não se localiza na área central da cidade, ficando localizado na periferia, distante mais de 7 km do centro da cidade de Santa Cruz do Capibaribe.

O modelo implantado no "Santa Cruz Moda Center" preserva a proximidade com o cliente, distribuindo o espaço em boxes bem construídos, privilegiando os mais de 6.000 feirantes da rua, numa obra disposta em 6.200 boxes semelhantes a bancas de feiras e 460 espaços para lojas comerciais, reunidos em dois galpões. A estrutura dispõe de banheiros, praças de alimentação, dormitórios, estacionamentos e todos os serviços que antes eram oferecidos de forma precária e insatisfatória nas ruas da cidade (Figura 4). Trata-se do uso de uma arquitetura simples, mas que pretende absorver grande parte da população ocupada na produção de confecção na cidade, através de alocação dos feirantes em boxes bem estruturados e de mais fácil acesso ao público consumidor.



Figura 4 – Vista Frontal do “Santa Cruz Moda Center”- Foto de Guaraci Baldi

A construção do galpão de vendas foi consequência de um planejamento elaborado pela Secretaria de Indústria e Comércio do governo municipal, o que mostra o esforço institucional neste tipo de cidade empreendedora. O planejamento deste espaço urbano foi

baseado nas necessidades da população de comerciantes da localidade para atender a sua clientela de sacoleiros e outros compradores em grosso.

E, aos lojistas que tinham comércios instalados nos equipamentos arquitetônicos existentes nas ruas do centro, foi oferecida a possibilidade de comprarem os espaços construídos e se mudarem para o novo ambiente, que passou a abarcar também o lojista de confecção das ruas da cidade.

Mesmo assim, nos locais mais distantes do centro comercial, os micro-comerciantes não absorvidos no espaço recém-disponibilizado começaram a se alocar, usando precárias bancas de feira improvisadas. Constituem-se em um novo espaço urbano em degradação onde se encontram mais de 4.000 pequenos comerciantes. Observa-se de passagem a forma como a atividade se expande agregando novos desempregados da região e usando a precária infraestrutura urbana, condizente com a forma de crescimento de regiões de capitalismo tardio.

As altas densidades habitacionais nas cidades e o uso intensivo do espaço pela necessidade econômica são considerados como fator de vitalidade urbana por alguns, porém sendo mal vistos por outros urbanistas ortodoxos. Esses fatores geram nas regiões periféricas ou desocupadas da cidade a agregação de cortiços como vias de resolução do uso e de reaproveitamento dos lugares (JACOBS, 2003).

O que se nota é que, apesar das condições econômicas e sociais serem diferentes, as mesmas distorções são repetidas quando se planeja e executa requalificações de espaços em cidades pequenas, médias ou grandes. As utilizações das antigas e das novas áreas sofrem contínuas modificações e em curto espaço de tempo ocorre a depreciação do ambiente, especialmente no caso de cidades em regiões deprimidas (XAVIER, 2006).

4. A nova dinâmica do espaço central da cidade

As cidades, por menores que sejam - desenvolvidas ou não - não podem fugir da extrema velocidade das mudanças necessárias decorrentes da modernização da sociedade (AGUIAR, 1998), demonstrando neste caso que o econômico se reflete no social e necessita do físico para ampliar-se, o que explica o fenômeno de expansão ocorrido na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, comprovando sua forte participação no desenvolvimento e fortalecimento do APL de confecções no Agreste Pernambucano (CONDEPE/FIDEM, 2006).

Diante disso, tornou-se iminente a necessidade da mudança do espaço da feira e, aparentemente, o problema econômico foi resolvido. Convém lembrar que a ocorrência de deslocamento de atividades econômicas para outros espaços, com efeitos negativos para a estrutura urbana pelo surgimento do fenômeno dos “imóveis vagos”, é visto como um problema comum decorrente do crescimento econômico em diversas cidades na América Latina e no Brasil. Neste sentido, torna-se de fundamental importância analisar o uso e a função dos diversos espaços num complexo urbano, onde as antigas infra-estruturas urbanas passam a ser subutilizadas em detrimento da expansão do mercado.

A prática de mudança de função de espaço, ou abandono de uma infra-estrutura física urbana, que se torna subutilizada ou disponível para utilização em outras funções de menor valor econômico, é observada com frequência em cidades que passam por um acelerado processo de urbanização e crescimento econômico, necessitando de novos espaços físicos para a prática de sua atividade econômica (JACOBS, 2003).

Houve muitos ganhos dentro deste processo de realocação do comércio de confecções, mas a custa do esvaziamento das ruas da cidade após a mudança, como se verifica pelas imagens abaixo (Figura 5). Desta maneira, qual a situação dos comerciantes que permaneceram estabelecidos nas ruas centrais? Esse processo de requalificação do espaço contemplou políticas de implementação de melhorias, para a diminuição do fluxo de transeuntes e/ou comerciantes no centro da cidade?

A foto seguinte, feita nas ruas do centro da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, foi

obtida no final do mês de junho de 2007, período em que se iniciou a pesquisa na cidade, exatamente 10 meses após a saída da feira da Sulanca das ruas para o “Santa Cruz Moda Center” (Figura 5).



Figura 5 – Vista superior do principal cruzamento da cidade na Rua Francisco Aragão, em junho de 2007, dez meses após a saída da feira das ruas da cidade. Este local era um importante ponto de concentração de bancas. Foto de Mônica Luize Sarabia.

Trata-se da principal rua da parte central da cidade de Santa Cruz do Capibaribe após a realocação da feira da Sulanca, que antes ocorria neste espaço. Pode-se observar o pouco fluxo de veículos e de transeuntes, como também a pouca movimentação do comércio da cidade. Alguns problemas de infraestrutura, como buracos na pista e calçamentos destruídos podem ser observados: estes podem ser considerados os resquícios da antiga função do espaço no implemento da feira de confecção da cidade, situação inevitavelmente decorrente da antiga função da rua de absorver a estrutura da feira.

A principal observação é o esvaziamento da cidade, certa sensação de abandono que se reflete nos relatos dos comerciantes locais e na grande quantidade de imóveis fechados e com placa de alugar, que são encontrados nas ruas do centro.

Segundo informações da Prefeitura, o espaço do centro da cidade, antes de qualquer coisa, deve ser revitalizado; não só arquitetonicamente, mas, também, na sua função econômica, pois o grande fluxo de transeuntes no espaço gerou problemas que se refletiram na destruição física dos calçamentos e calçadas, na sujeira e no lixo acumulado nos dias de feira (que totalizava mais de 3.000 toneladas semanais). O espaço será fisicamente reestruturado com reformas e busca de novas saídas para direcionar um maior público ao centro da cidade, fazendo com que se complete este processo de requalificação espacial, entendendo requalificação como um conjunto de políticas que se estendam por todas as partes da cidade, como o proposto por Choay (1992).

Antecipando as conclusões, compreende-se que apenas a realocação da população de comerciantes e da estrutura comercial para outros espaços da cidade não é suficiente, fazendo-se necessário também solucionar as questões do lugar agora esvaziado, observando este processo como uma via de mão dupla.

O espaço no centro da cidade abrigava as funções de habitação e comercialização. Quanto a esta última função não houve expansão de atividades que promovesse a organização de novo tipo de comércio, ou de serviços, por exemplo, que revertesse em lucros empresariais. Nestas condições, a questão da requalificação em Santa Cruz do Capibaribe,

está permeada de conflito e consenso. O que é comum a diversos espaços requalificados, no contexto de um processo de mudança cujos atores sociais são diversos e envolve múltiplas funções do espaço.

A mudança dos atores econômicos da feira para um novo espaço ocorreu devido à preocupação do poder público em promover a melhoria de condições físicas do comércio da cidade em infra-estrutura, com condições básicas de higiene, segurança, circulação, estacionamento e conforto para os comerciantes e compradores vindos de diversas partes do Brasil (público flutuante). Esta nova forma de organização do espaço com melhores condições estruturais levaria os comerciantes a aumentar a venda, evidenciando-se, portanto, um maior poder de competição em relação a outros mercados no *cluster*. Estas, então, seriam as previsões do planejamento urbano.

Em contrapartida, cerca de 80% dos comerciantes de lojas do centro da cidade, demonstrou desagrado com a realocação da feira das ruas da cidade para o “Santa Cruz Moda Center”, principalmente nos aspectos de diminuição da circulação de pessoas na área central, o que refletiu na queda de seus volumes de negócios, embora reconhecendo as precárias condições de trabalho antes existentes e todo o desconforto gerado pelo esgotamento da estrutura física da cidade no período em que a feira ocorria nas ruas.

Neste contexto, ressalta-se a grande quantidade de imóveis fechados, sem utilização para atividades de mercado, com placas de “Mudou-se” ou “Aluga-se”. Este fenômeno da mudança comprova o abandono e o esvaziamento da parte central cidade, que se tornou um espaço ocioso para o mercado e, em grande parte, para a habitação, tendo em vista que a maioria das empresas familiares é alocada em recintos comuns de empresas e moradias.

Nas ruas do centro da cidade ocorreu uma intensa desvalorização, e o preço comercial dos imóveis, tanto dos aluguéis como das vendas, diminuiu em torno de 60 a 70%, segundo levantamentos preliminares junto aos agentes imobiliários da cidade. Por outro lado, observou-se um acréscimo no valor dos terrenos no entorno do novo centro comercial, que é constatado pelo vertiginoso aumento dos preços comerciais dos imóveis no “Santa Cruz Moda Center”.

No início, os organizadores da execução do galpão de vendas, denominado “Santa Cruz Moda Center”, que tinham a frente os gestores da prefeitura, comissão de comerciantes da cidade e o SEBRAE, planejaram e comercializaram o espaço a preços módicos de modo a permitir a acessibilidade da maioria dos pequenos e médios comerciantes, como pode ser observado no Quadro 1. Pode-se dizer também que, atualmente (2007), os preços de comercialização cresceram em média mais de 300%. A valorização da terra foi proporcionada pelo aumento de disponibilização de infra-estrutura urbana e pela criação de um novo espaço com melhores condições de comercialização e de competição de confecções oriundas de outras regiões.

Quadro 1 – Preços de comercialização dos espaços do “Santa Cruz Moda Center”

Tipo de ponto comercial	Preços de lançamento Ano 2004	Preços atuais (julho/2007)
Box Feira (0,90 x 2,00)	De R\$ 500,00 a R\$ 3.700,00	De R\$ 8.000,00 a R\$ 12.000,00
Loja Frontal (3,00 x 6,00)	De R\$ 22.000,00 a R\$ 28.000,00	De R\$ 80.000,00 a R\$ 100.000,00
Loja Lateral (3,00 x 6,00)	R\$ 14.000,00	R\$ 65.000,00
Lojas para Restaurantes (3,00 x 7,00)	De R\$ 21.000,00 a R\$ 27.000,00	R\$ 80.000,00 em média

Fonte: Dados da Pesquisa realizada pelo NUPECS/UFRPE – 2007/2008

Dentro de uma perspectiva comercial, a região central da cidade ficou restrita a lojas de comércio de subsídio para confecção como aviamentos, tecidos e máquinas, indispensáveis à produção. Entretanto, como não houve necessariamente a expansão da confecção, a quantidade de casas comerciais com esta finalidade e característica não aumentaram. Outros tipos de atividades comerciais, como os de confecção, alimentos, cama mesa e banho, estabelecidos em lojas que estavam ligadas a atuação da feira da Sulanca, diminuíram substancialmente e, atualmente, estão restritos apenas ao público consumidor dos moradores da cidade. Percebe-se, pois, que os lojistas deixaram de absorver a função de comerciante de feira. O que demonstra porque a requalificação do espaço, tanto arquitetônico como comercial, ocorre numa relação de conflito e consenso.

Nesta forma de planejamento urbano não foi privilegiado em primeira instância as determinações sociais, políticas e econômicas de forma harmoniosa, a ênfase foi dada para a resolução imediata de uma necessidade de organização do espaço para a comercialização da principal mercadoria do município, a confecção.

5. A prática do planejamento urbano

A concepção do planejamento urbano no sistema capitalista leva a que se privilegiem os aspectos econômicos em detrimento, dos aspectos sociais, na maioria dos casos (CASTELLS, 1983). A organização institucional dos espaços representa as formas dialéticas de integração e repressão, dominação e regulação do “aparelho de estado” (CASTELLS, 1975:257). Na discussão da transformação da paisagem urbana de Santa Cruz do Capibaribe a questão do planejamento, era para resolver a organização do espaço para a venda de mercadorias. Nesse sentido na mudança e na reestruturação do espaço, os aspectos sociais dos lugares abandonados na cidade, não representam uma problemática social considerada como impedimento. Pode-se dizer que os aspectos sociais são levados em conta até o momento que não confrontem as ações em benefício do mercado.

Nas discussões acerca das cidades, sabe-se que a responsabilidade do urbanismo e do planejamento urbano é de desenvolver a cidade como o local conveniente para a prática de atividades, planos e idéias para florescimento de grandes empreendimentos (JACOBS, 2003). Em muitos casos, entretanto, as cidades passam por processos de transformação, reestruturação e mudança que não são decorrentes de um planejamento urbano em toda sua essência. Em alguns casos podem ocorrer o fenômeno denominado por Jacobs (2003) de autodestruição dos centros urbanos decorrentes de ações sem qualquer planejamento prévio. É uma espécie de força invisível que decorre de necessidades de transformação inerentes a um tipo de planejamento, capaz de transformar os centros urbanos ou mudá-los para outros lugares surgindo novos distritos e sendo estas forças de regulação as responsáveis pela decadência de muitas áreas abandonadas das cidades (*ibidem*, 2003) Este exemplo de planejamento urbano pode ser apreciado em muitas cidades brasileiras, onde Santa Cruz do Capibaribe demonstra singularidade por ser uma cidade de porte médio do interior do Estado, mas que apresentou índice de crescimento urbano de 98% na última década, conforme demonstra o Censo Demográfico (2000).

No caso de Santa Cruz do Capibaribe, o planejamento urbano não foi responsável pela mudança ocorrida na paisagem urbana da cidade, a própria Secretaria de Planejamento e Infra-estrutura da cidade não participou deste processo de saída da feira da Sulanca das ruas do centro da cidade. A mudança foi mediada pela Secretaria de Indústria e Comércio confirmando a necessidade de mudança em decorrência da expansão da atividade econômica que já extrapolava os limites físicos do equipamento urbano central. No caso tratava-se de redimensionar o uso das ruas da cidade, que já não suportavam mais a intensa atividade comercial levando-se em conta a limitação de circulação de veículos, as dificuldades com

limpeza e higienização urbana, ocasionando transtornos aos usuários, comerciantes e aos próprios moradores da cidade.

No momento em que muda a prática comercial de feira de rua para comércio de produtos em boxes comerciais instalados dentro de um shopping, o “Santa Cruz Moda Center”, com um conjunto de infraestruturas capazes de suprir todas as necessidades de expansão e crescimento da atividade econômica, parece não existir mais preocupação com problema do esgotamento físico da cidade ou não existe preocupação com a requalificação dos espaços da região central que eram utilizados pela feira da Sulanca. A preocupação do planejamento urbano em Santa Cruz do Capibaribe continua ser com o acesso dos compradores de mercadoria da Sulanca. Em outros termos, a melhoria das vias de acesso que liga os bairros à região central da cidade também é importante tendo em vista as dificuldades do turista de negócio utilizar a cidade. Por isso um projeto intitulado *VIAS DE ACESSO*, contemplou a pavimentação e urbanização de mais de 20 vias das ruas principais na cidade.

Existe interesse da administração de reorganizar a retomada da circulação de transeuntes no espaço central, para que se fortaleçam novamente a prática de atividades comerciais nos equipamentos instalados na região central que atualmente encontram-se fechados e tem gradativamente perdido inclusive seu valor venal.

Para isso, segundo a Secretaria de Infraestrutura e Planejamento, articula-se o projeto de reurbanização do centro que contemplará a instalação de um terminal integrado de passageiros e de um corredor de ônibus, estimando-se facilitar a interligação e a circulação do público de compradores do “Santa Cruz Moda Center” à região central da cidade, fazendo com que desta forma possa ser retomado gradativamente o comércio do centro da cidade. A utilização novamente do espaço neste caso é promovida com o estímulo de transporte, mas não se pensou em ações efetivas para a requalificação do espaço da região central da cidade, tanto no ponto de vista físico, como também e, principalmente, do econômico.

6. Conclusão

O objetivo deste artigo foi realizar a descrição física, econômica e social da Feira da Sulanca, desde sua implantação, até o seu grande salto de crescimento, finalizando na situação de realocação para o empreendimento “Santa Cruz Moda Center”: um novo espaço onde atualmente a feira é praticada, não mais como feira, mas agora em boxes organizados e com uma infra-estrutura adequada para os negócios. Neste sentido, procurou-se examinar a realidade da região visando dar subsídios para a implantação de políticas públicas através da pesquisa e caracterização de novas formas de requalificação do espaço e discutiu-se a integração entre os municípios e o uso comum do espaço urbano, nas feiras, no “Santa Cruz Moda Center”. A análise dos resultados servirá para resgatar a história de uma produção econômica de iniciativa da população, podendo ser referência para a implantação de outras produções em desenvolvimento local em regiões com igual cultura ou característica econômica.

A cidade de Santa Cruz do Capibaribe pode ser compreendida como um fenômeno de desenvolvimento local que apresenta uma requalificação espacial cuja especificidade é de se tratar de uma localidade do Nordeste, onde geralmente, as cidades interioranas não apresentam problemas no seu espaço morfológico, a não ser que sejam tombadas pelo patrimônio histórico.

Santa Cruz do Capibaribe é uma cidade nova, de meados do século passado, e devido ao seu desenvolvimento econômico, característico de região deprimida, teve seu espaço disposto para a requalificação. A feira de roupas da Sulanca (de confecção feita de retalhos) se espalhou desordenadamente pelo espaço urbano em bancas de feira que, de forma precária utilizou a infra-estrutura da cidade para praticar os negócios, exaurindo as condições físicas

das 28 ruas da região central da cidade, nas quais se instalou. Nestas condições, a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, praticando a atividade econômica num espaço localizado e em integração com vários municípios da região, promoveu o desenvolvimento local ao mesmo tempo em que saturou o espaço físico da cidade.

O poder público havia previsto no Plano Diretor da cidade, recentemente elaborado, que a mudança da feira das ruas do centro da cidade para o “Santa Cruz Moda Center” causaria fortes impactos na sua dinâmica urbana. Os impactos positivos seriam a reorganização espacial da região central, a redução dos conflitos de tráfego e o benefício de uma grande estrutura de caráter permanente, pressupondo a expansão do comércio do centro da cidade. E os impactos negativos adviriam com a eliminação da simbiose entre o comércio fixo das lojas e a feira da Sulanca, criando incertezas sobre o futuro da própria região central da cidade, com riscos inclusive de deterioração daquele espaço tendendo a atividades marginais. A análise da pesquisa empírica observou que estas previsões se tornaram realidade, mas que as consequências não foram apenas estas: a cidade hoje sofre com a desvalorização imobiliária das lojas localizadas na região central e a diminuição da utilização dos equipamentos urbanos.

A cidade é um sistema altamente complexo com variáveis políticas, econômicas, sociais e culturais que não funcionam independentes no planejamento urbano. São partes essenciais e inter-relacionadas que devem ser consideradas e discutidas na busca de soluções para o seu planejamento. No caso de Santa Cruz do Capibaribe, a mudança foi planejada, mas não pôde contemplar todos os caracteres deste sistema, gerando consequências importantes para o funcionamento da cidade e que foram amplamente abordadas neste trabalho.

Observou-se uma grande melhoria estrutural para o comércio da cidade, a instalação do novo equipamento arquitetônico: o “Santa Cruz Moda Center”, a melhor organização, um maior status de feira apresentada em melhor estilo através da disposição em boxes, com uma circulação e acesso mais privilegiados. Estes são os aspectos positivos dentro do projeto de requalificação de espaço, previstos no planejamento urbano e comercial. Mas a contrapartida disso foram os reflexos sofridos pela região central de Santa Cruz do Capibaribe, que até o presente momento vive as consequências do esvaziamento do seu espaço urbano e perda da evolução e crescimento de seus negócios, gerando insatisfação aos comerciantes instalados nesta área.

Falar sobre a necessidade de requalificação do espaço, não tendo em seu bojo as questões culturais e apesar do público frequente de sacoleiros não ter essa exigência é uma maneira de se buscar cultivar novos hábitos e preparar a cidade para um futuro ainda mais próspero, preservando sua trajetória histórica e atraindo um novo público à cidade. Esta ação podendo ser uma saída para uma nova vitalidade à região central de Santa Cruz do Capibaribe, inclusive renovando o processo de valorização imobiliária do local.

Desta forma, o que se deseja é que os planejadores da cidade busquem valorizar a participação popular nos processos de planejamento e de decisão, preservando os aspectos sociais em conjunto com o econômico, para que as ações de requalificação, deles decorrentes, beneficiem toda a sociedade.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, José. 1998. (Re) Habilitação e Conservação do Patrimônio Urbano. In: GUIMARÃES A. O. **Re-Habilitar Centros Antigos**. CMG ("policopiado").

BAGNASCO, Angelo. 1977. **Tre Italie**: la problematica territoriale dello sviluppo italiano. Bologna: Il Mulino.

BECCATINI, Giacomo. 1994. El distrito marshalliano: una noción socioeconómica. In: BENKO, G. y Lipietz. **Las regions que ganan: distritos y redes, los nuevos paradigmas de la geografía económica**. Valencia: Ed. Alfons el Magnànim.

CASTELLS, Manuel. 1983. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CHOAY, Françoise. 1992. **L'allégorie du patrimoine**. Paris: Ed du Seuil.

CONDEPE/FIDEM. 2008. Agencia estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco, 2004. Disponível em: <www.condepefidem.pe.gov.br> Acesso em 13 de fevereiro de 2008.

FERRO, Marc. 1988. O filme, uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: novos objetos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

GAROFOLI, Gioacchino. 1986. Le développement périphérique en Italie. In : **Economie et Humanisme**, n° 289.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa, 2006. Disponível em: <www.ibge.org.br> Acesso em 12 de junho de 2007.

JACOBS, Jane. 2003. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S Mendes Rosa. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

KRAFTA, Romulo Celso, **Modelling intraurban configurational development** Environment and Planning B: Planning and Design 21, 67 - 82, 1994

LATRES, H.M.M.; CASSIOLATO, J.E. **Mobilizando conhecimentos para desenvolver arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas no Brasil**. 8. ed. Rio de Janeiro: Sebrae/ RedeSist, 2005. Disponível em: <http://redesist.ie.ufrj.br/glossario.php>>. Acesso em: 25 de out. de 2006.

MARSHALL, Alfred. 1982. **Principles of economics**. 1. ed. London: McMillan, 1891. Tradução revista por Rômulo Almeida e Ottolmy Strauch, São Paulo: Victor Civita.

MELO, Marcus Andre de. 1996. **Crise Federativa, Guerra-Fiscal e Hobbesianismo Municipal: as Vicissitudes da Descentralização**. In: São Paulo em Perspectiva, v. 10, n. 3, p. 1-14.

NOGUEIRA, Oracy. 1952. **A "história de vida" como técnica de pesquisa**. In: *Sociologia*, XIV (1): 3-16, mar.

PORTUGALI, Juval. 2000. **Self organization and the city**. Berlin: Springer.

XAVIER, M Gilca P. 2006. **O processo de produção do espaço urbano em economia retardatária: a aglomeração produtiva de Santa Cruz do Capibaribe (1960 – 2000)**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) UFPE, Recife.